

OS TEMPOS MODERNOS E A CRIAÇÃO CECILIANA: INTERPRETAÇÃO LITERÁRIA DE UMA REALIDADE EM APUROS

Rogério Lobo Sáber
Mestrando em Teoria e História Literária – Universidade Estadual de Campinas

Mírian dos Santos
Doutora em Comunicação e Semiótica – Pontifícia Universidade Católica/São Paulo
Universidade do Vale do Sapucaí

Resumo: Este artigo propõe uma leitura de parte da obra da escritora brasileira Cecília Meireles (1901-1964), relacionando-a às teorias da pós-modernidade, já que os textos selecionados para esta pesquisa – crônicas e poemas – possuem em comum uma temática que nos aponta, essencialmente, a desconstrução da identidade do sujeito contemporâneo, bem como seu comportamento impositivo em relação à realidade e à natureza. Considerando-se que Cecília Meireles nasceu em 1901 e veio a falecer em 1964, e levando em conta que a atmosfera pós-moderna tem se desenvolvido desde os anos 60 (década em que a escritora já havia falecido), intenta-se defender a tese de que os escritos cecilianos anteciparam as características da sociedade contemporânea, no que se referem à ausência de valores e ao niilismo que corrompe a maior parte das relações humanas.

Palavras-chave: Cecília Meireles – Crônicas. Crônica literária brasileira – Cecília Meireles. Cecília Meireles – Pós-modernidade.

Abstract: This essay proposes a particular reading of a fraction of the writings of Cecília Meireles. We intend to link her writings to the postmodernist theories since the texts that were chosen for this current research, chronicles and poems, have in common a subject matter that essentially points out the collapse of the identity of the contemporary human being as well as his imposing behavior relating to reality and nature. Considering that the above-mentioned Brazilian writer was born in 1901 and that she passed away in 1964, and heeding the fact that the postmodern atmosphere has developed itself since the sixties, the decade in which the writer died, we now try to defend the thesis that the writings of Cecília Meireles anticipated the characteristics of contemporary society regarding the lack of values and the nihilism that corrupts the most parts of the human relationships.

Keywords: Cecília Meireles – Chronicles. Brazilian Literary Chronicle – Cecília Meireles. Cecília Meireles – Postmodernity.

1. Considerações iniciais: convite à escritura ceciliana

Milhares de séculos atrás. Data e horário indefinidos. Eis o primeiro passo dado pelo ser humano no planeta: o marco de uma nova era, o início de mudanças, a origem do intelecto, o nascimento da racionalidade.

Embora a natureza apresentasse uma face misteriosa – bem como transparecesse um sorriso gélido, amarelo –, tais comportamentos hostis nunca configuraram ordem austera: o homem não havia de se curvar diante deles ou, então, qualquer forma de submissão teria existência breve.

De fato, ao confrontarmos nossa realidade – e, isso posto, considerem-se nossas invenções, nossos progressos e facilidades tecnológicas – com a realidade de alguns anos passados, somos levados a afirmar que a falta de hospitalidade do mundo natural para com nossos primórdios antes contribuiu para o desenvolvimento da humanidade do que para seu retardo, já que, em face das adversidades, o potencial criador do homem foi instigado, conduzindo-o a descobertas e a novas possibilidades.

E eis aqui o perigo: o homem deu-se conta de que poderia modificar o ritmo da natureza e muitos de seus fenômenos. Instalou-se, pois, de forma exacerbada – quiçá obsedante – um culto à razão, uma veneração rendida a uma capacidade intelectual capaz de trazer a seu fiel o controle, o domínio, a previsão: o ser humano provaria do cálice do poder e dele queria beber novamente e cada vez mais.

Mas atentemo-nos também à outra face da moeda. Se, por um lado, a violenta razão, que arrebatou tanto os seres humanos quanto a natureza, exagerou, ao longo da história, em seu projeto de prever tudo e todos, por outra perspectiva, é a partir de seu poder sistematizador que o ser humano foi capaz de intervir no mundo de forma positiva e benéfica – aprendendo a lavrar a terra para seu sustento e a se comunicar com seus semelhantes, compartilhando experiências – ocasião em que se concretizou a criação de códigos, gestos e sons que se prestavam a veicular sentidos (linguagem).

Tais possibilidades de interação, com a passagem do tempo, tornaram-se mais encorpadas, complexas e abrangentes; à sua aplicação imediata – uso em situações corriqueiras – uniu-se um caráter duradouro, que passou a se refletir, principalmente, no registro dos acontecimentos do mundo, nos vestígios deixados em rochas, na imortalização de fatos.

Aparece, pois, a escrita: liberdade de expressão para seu detentor. E com tal caráter expressivo da linguagem, o homem dispôs-se a experimentar as inúmeras possibilidades

que lhe passaram a ser oferecidas. Talvez tenha sido em uma dessas tentativas que o ser humano se deparou com a literatura, percebendo que a linguagem também lhe servia para a criação de mundos, para a exposição de ideias, para o simples deleite...

E a literatura, se em um primeiro momento, mostrou-se assistemática, e, lá disciplinada: por mais melodias que consigamos entoar na mágica flauta que é a literatura, também a arte da palavra foi passível de análise e de estudos. Afinal, quem é que se encontra livre da tendência racional do ser humano?

Sendo assim, aqui se encontra o presente artigo, que propõe uma leitura de uma parcela das crônicas e dos poemas da escritora brasileira Cecília Meireles (1901-1964), no sentido de que tais textos *preenchem* a atmosfera pós-moderna em que nos encontramos – incluindo-se aí, principalmente: (a) a fragmentação do sujeito; (b) o descaso para com a natureza; (c) a industrialização exacerbada, que anula o ser humano, e; (d) a estetização dos discursos vigentes.

É nosso objetivo comprovar a tese acima proposta, assim como reafirmar a excelência das crônicas cecilianas, as quais têm recebido pouca atenção em meio acadêmico, a despeito de sua criação poética, que já foi laureada com inúmeras dissertações, teses e ensaios.

2. Mina ceciliana: garimpagem e lapidação de gemas únicas

Cecília Meireles apresenta-se-nos como espectadora de uma realidade violenta e desumana, que se torna alvo merecido e urgente de denúncias e contestação. A escritora se posiciona de maneira crítica, elaborando considerações pertinentes, densas e de alto teor reflexivo, o que nos comprova a atemporalidade e o caráter perene de sua escritura. Frente a esse cenário ignóbil, Cecília não se torna cúmplice, mas antes uma espécie de promotora, que precisa apontar e intervir da forma como lhe cabe para que se alcance alguma mudança, isto é, para que efetivamente os rumos tomados sejam outros.

Um primeiro ponto-chave presente nos textos analisados refere-se à realidade urbana, que se apresenta em contraste com o cenário natural. Tais imagens nos sugerem a

mudança radical proposta pela modernidade, já que uma consequência marcante dos ideais iluministas foi a sufocação de contextos mais familiares, aconchegantes, de seres humanos autóctones (com sentimento de pertencimento à determinada origem) por pessoas automatizadas que, à maneira de máquinas programadas, passaram a primar por uma previsão descabida e cinza que, pouco a pouco, se tornou a responsável pela frieza e distância humanas.

A respeito desse sentimento de exclusão e de rejeição a todo passado — já que, com o discurso histórico-moderno, instalou-se uma nova era, marcada por momentos únicos e irrepetíveis —, escreve-nos a poetisa em “36”:

**Não temos bens, não temos terra
e não vemos nenhum parente.**
Os amigos já estão na morte
e o resto é incerto e indiferente.
[...] (MEIRELES, 1985, p. 697, grifo nosso).

A constante oposição entre os ambientes mencionados (campo / cidade) é visível nos escritos cecilianos, como podemos perceber na passagem a seguir da crônica “Passeio na floresta”:

Fatigadas da monotonia das cidades de cimento, ferro e vidro, as crianças imaginam a floresta como um sítio sobrenatural, com árvores que abrem os olhos, falam, sorriem, oferecem flores, borboletas, bagos de mel, coquinhos amarelos (MEIRELES, 1968, p. 18).

Percebamos que a autora ressalta a oposição existente entre a frieza da realidade urbana e a hospitalidade do ambiente natural, onde árvores sorriem e oferecem flores, em um gesto de concórdia. Fica-nos a sugestão de que o ambiente natural é puro e harmônico por excelência, enquanto que o contexto citadino é aquele que responde pela corrupção, pela desavença férrea. Essa comparação, de certa forma, nos remete também à ideia do Neoclassicismo em literatura, que defendia justamente a reclusão no campo em detrimento da permanência nas cidades, que deturpavam a natureza pura do ser humano.

A questão é que já não se pode mais conceber o ser humano como sendo oriundo — mesmo que simbolicamente — de um ambiente natural, manso. Isso porque os preceitos modernos instalaram o absoluto no espírito humano, que passou a se guiar pela

autossuficiência. Sendo assim, a natureza foi relegada pelo homem, bem como passou a ser vista unicamente, não como companheira de existência de longa data, mas como fornecedora de matéria-prima para o arranque industrial. A construção de arranha-céus tornou-se um mecanismo de reafirmação da superioridade humana e da própria modernidade, que se pauta pelo par contraditório construção / desconstrução. Daí decorre a falta de apoio e preocupação para com a natureza, expressa na crônica “Floresta incendiada”:

Em redor deste vale, tudo era virente [sic] e feliz. Agora, estou vendo a sucessão de estragos: grandes manchas amarelas que assinalam lugares de outros incêndios. **Deixa-se passar algum tempo, e nesses lugares começam a aparecer construções, arranha-céus inacessíveis, habitações agarradas à rocha, onde deviam estar as belas árvores enormes, tragadas pelo fogo clandestino** (MEIRELES, 1967, p. 10, grifo nosso).

Cecília propõe uma contemplação do passado, comparando-o ao presente, ou seja, estabelece, metaforicamente, um paralelo entre a modernidade (e suas trágicas consequências) e a sociedade pré-moderna (vale em que tudo era feliz). A essa observação realista da sociedade, a autora propõe uma imagem equivalente, que nos dá a dimensão e a gravidade da nódoa iluminista. Todavia, se o fragmento da crônica supracitada expõe-nos um incêndio — o que sugere, de certa forma, o *processo*, a destruição em *andamento* —, já no excerto da crônica “Meu bairro” (MEIRELES, 1967), a escritora refere-se à corrupção em via de *consumação*:

Enfim, constrói-se a basílica de São Judas Tadeu, grande senhor de milagres, cujas romarias e procissões são um contraste com os tempos, e o velho trenzinho que sobe para as Paineiras foi recentemente pintado de vermelho, e **lá vai como um brinquedinho por cima dos arranha-céus, já não pelo meio da mata, que essa é quase extinta** (p. 148, grifo nosso).

Contudo, o olhar crítico e questionador de Cecília Meireles não se detém apenas às florestas, a partir do momento em que também o dirige à situação dos animais, que foram tragicamente devorados pelo progresso moderno:

Muita gente já não acredita que existam pássaros, a não ser em gravuras ou empalhados nos museus — o que é perfeitamente natural, **dado o novo aspecto da terra, que, em lugar de árvores, produz com mais abundância blocos de cimento armado** (MEIRELES, 1980, p. 95, grifo nosso)¹.

São crianças precocemente desencantadas do que existe: não se importam com o cãozinho tão alegre, com o burro que ali está debaixo da figueira, desgostoso e incompreendido. Passam pelo canário-da-terra sem qualquer emoção. Não se detêm a olhar para a vaca malhada nem para a cabrinha carregada de leite (MEIRELES, 1968, p. 18)².

Sob o enfoque dado pela poetisa, tudo que compõe a paisagem natural é suplantado violentamente pelas construções de cimento, que tornam o homem alienado de qualquer relação de identificação com a natureza, sugerindo, pois, seu isolamento de qualquer conjunto, já que tudo se orienta pelo individualismo e pela impostura. É esse o preço a ser pago em nome do progresso.

Podemos notar que, desde tenra idade, o ser humano não aprecia e não tem consideração pelos animais, o que estabelece uma distância em relação às demais criaturas. Torna-se visível também através da observação atenta proposta por Meireles — tendo em vista que a crônica poética ceciliana contempla o cotidiano a fim de propor-lhe um comentário reflexivo — a exacerbada industrialização decorrente da modernidade, que anula símbolos de pureza e graça e erige altares para máquinas estúpidas, levando a escritora a afirmar no texto “Escola de bem-te-vis” que, “afinal, pelos ares não voam mais anjos e sim **aviões a jato...**” (MEIRELES, 1980, p. 97, grifo nosso).

Em meio a esse cenário artificial, que se vale de uma brutalidade forjada para afirmar a suposta superioridade dos ideais modernos, não raro deparamo-nos com pessoas programadas, seres humanos desconsolados, que, a despeito de se inserirem em um contexto em que predominam as multidões, percebem-se sozinhos, abandonados à própria sorte. Essa ideia de que as cidades se prestam ao atordoamento e ao extermínio de qualquer traço de generosidade e compaixão é expressa na crônica “Descobrimento do anjo da guarda” (MEIRELES, 1980), quando Meireles nos aponta que

A moça disse-me que estava longe da família, na grande cidade onde chegara para trabalhar e estudar. **A imponência dos edifícios, a pressa da multidão, o tumulto das ruas, a agitação das noites, tudo a atordoava: e mal tinha tempo para fazer amizades** (p. 52, grifo nosso).

Essa ausência de contato humano, bem como a falta de perspectiva que se apresenta também às crianças, são indicadores de uma realidade incerta, que, esmiuçada pelas lentes da razão, já não possui mais nada a oferecer, não guarda nada incomum, inédito.

A previsão completa de tudo e de todos não tem mais a capacidade de encantar o ser humano e é por tal motivo que as pessoas parecem buscar tal arrebatamento no que se constitui como misterioso e desconhecido. Assim, Cecília nos conta que as crianças — e, por extensão, a sociedade moderna — “querem outra coisa. O inesperado, o extraordinário, a aventura. Querem a floresta que sobe pela montanha, querem o mistério, com suas pródigas seduções” (MEIRELES, 1968, p. 18)³.

Parece existir, pois, sempre essa busca, essa ânsia por algo novo, por qualquer alternativa que constitua uma possibilidade de reversão da condição moderna — anuladora de valores e de pessoas que estupidamente se excluem, bem como cometem atrocidades contra seus semelhantes. Essa denúncia é expressa na crônica “Um cão, apenas”, em que um cão maltrapilho metaforicamente encarna a própria situação humana, entendida aqui como inércia e desilusão: “Ele, porém, levantava-se e olhava-me. Levantava-se com a dificuldade dos enfermos graves: acomodando as patas da frente, o resto do corpo, sempre com os olhos em mim, como à espera de uma palavra ou de um gesto” (MEIRELES, 1967, p. 19).

O cenário apresentado por Cecília é aquele cujos alicerces ruíram, ou seja, aquele em que não existe mais sustentação, levando-se em conta que o homem há muito tornou-se descrente da realidade em que está fatalmente inserido. O projeto da modernidade não cumpriu com as promessas feitas: e as promessas foram altas demais. Esse desconsolo, essa ausência de diretrizes é o que justamente caracteriza o ambiente da pós-modernidade; daí querermos afirmar que a parcela da produção ceciliana aqui analisada antecipou a atmosfera pós-moderna em que nos encontramos. A respeito dessa sombra vazia que paira sobre nossas cabeças, manifestou-se Jair Ferreira dos Santos, afirmando que

[...] o pós-modernismo ameaça encarnar hoje estilos de vida e de filosofia nos quais viceja uma ideia tida como arquissinistra: o niilismo, o nada, o vazio, a ausência de valores e de sentido para a vida. Mortos Deus e os grandes ideais do passado, o homem moderno valorizou a Arte, a História, o Desenvolvimento, a Consciência Social para se salvar. Dando adeus a essas ilusões, o homem pós-moderno já sabe que não existe Céu nem sentido para a História, e assim se entrega ao presente e ao prazer, ao consumo e ao individualismo (SANTOS, 2000, p. 10-11).

Considerando-se essa perspectiva, deparamo-nos também com uma inexistência de continuidade – concreta ou simbólica –: os grupos humanos, entregando-se ao momento presente e dele tentando absorver o máximo possível, já não se atêm a elementos que compõem o substrato histórico e cultural. Permeia o ambiente pós-moderno aquilo que os pesquisadores têm chamado de desconolo na cultura: espécie de reação contra a total previsão das coisas imposta pela razão. Justifica-se então, segundo Jair Ferreira dos Santos (2000), a ausência contemporânea de grandes movimentos sociais que buscam um bem comum: toda forma de manifestação restringe-se a conjuntos humanos fragmentados, dos quais os vegetarianos, as minorias sexuais e políticas, as tendências feministas são exemplos pertinentes.

Não havendo, pois, identificação com o **passado** (o sujeito da pós-modernidade não quer saber de onde veio nem os feitos heroicos de seus antepassados) e tampouco com o **futuro** (também não existe interesse pelo vir-a-ser ou pelo vir-a-acontecer), remanesce uma realidade que se constitui – para os olhares atentos, críticos e inconformados como o de Cecília –, por excelência, sobre (e sob) dúvidas, a despeito do ideal iluminista que queria ter certeza e o controle de tudo:

Quanto aos bisnetos, vamos ver o que acontecerá. Talvez os professores mudem de método. Talvez mude o ministro. Talvez os tempos sejam outros, e a passarinhada volte a ser normal, ou deixe de falar, só de pirraça, ou invente — quem sabe? — uma expressão genial. E também pode ser que não haja mais bem-te-vis (MEIRELES, 1980, p. 97, grifo nosso)⁴.

Não temos bens, não temos terra
e não vemos nenhum parente.
Os amigos já estão na morte
e o resto é incerto e indiferente.
[...] (MEIRELES, 1985, p. 697, grifo nosso)⁵.

Ilustra-se, pelos exemplos acima, a descrença no projeto iluminista (modernidade), que visava tão somente à reafirmação do homem frente ao mundo mítico e natural através da imposição de grandes verdades e de um progresso selvagem, justificado a qualquer custo. Tais ideologias inquestionáveis ficaram conhecidas por *metanarrativas*, que são discursos pretensiosos e manipuladores de grandes ajuntamentos humanos, como o discurso religioso imposto, àquela época, pela Igreja Católica.

A metanarrativa, como nos sugere o próprio termo, é uma narração/explicação/descrição dos próprios fatos. À existência humana cabe a concepção de narrativa, a partir do momento que tem um início, um desenrolar, diversas tramas, conflitos, que se encaminham, inexoravelmente, para um desfecho (morte de uma pessoa / extinção de uma sociedade). Todavia, a despeito de ser assim considerada, sempre foi necessária aos preceitos racionais a explicação dessa narrativa enquanto objeto de estudo científico.

Temos, daí, propostas cuja intenção primeira diz respeito à prescrição de valores morais que devem ser seguidos à risca sob pena de exclusão e castigo. É certo que tais tendências ideológicas manifestam-se tanto atualmente quanto àquela época. A principal diferença, todavia, é que, à modernidade, tais discursos eram inquestionáveis; não tínhamos a ciência (pós-moderna) da dúvida, como propõe Lyotard (apud CHEVITARESE, 2000), que é a **paralogia**, base discursiva que sempre propõe (e permite) contestações, um constante revisar teórico e pragmático.

O caráter indubitável dos discursos modernos acabou por estabelecer uma relação de dominação por parte da razão iluminista: à época da ascensão e consolidação da indústria e das máquinas, apenas importava o discurso científico. Não era dado espaço para a convivência harmônica entre o discurso técnico e outras possibilidades de interpretação da realidade.

A razão iluminista quis dominar a tudo e a todos, mas, paradoxalmente, acabou por trazer mais tragédias do que avanços, já que o homem, apesar de estar com o espírito intumescido com tamanha “superioridade”, tornou-se inerte frente a situações urgentes.

Considerando-se novamente a crônica “Um cão, apenas”, somos capazes de encontrar outra passagem que nos indica o descontrole de uma realidade que, criada pelo próprio homem, fugiu-lhe das rédeas: “Até o fim da vida guardarei seu olhar no meu coração. Até o fim da vida sentirei esta humana infelicidade de nem sempre poder socorrer, neste complexo mundo dos homens [...]” (MEIRELES, 1967, p. 20).

Sendo assim, complementando o raciocínio que temos desenvolvido, a partir do momento em que projeto moderno faliu, caíram também as verdades tomadas como absolutas. A crônica “Tempo incerto” é uma ilustração pertinente desse declínio:

Não se acredita mais nem na existência de gente honesta; e os bons têm medo de exercitarem sua bondade, para não serem tratados de hipócritas ou de ingênuos.

Chegamos a um ponto em que a virtude é ridícula e os mais vis sentimentos se mascaram de grandiosidade, simpatia, benevolência. **A observação do presente leva-nos até a descrer dos exemplos do passado: os varões ilustres de outras eras terão sido realmente ilustres? Ou a História nos está contando as coisas ao contrário, pagando com dinheiros dos testamentos a opinião dos escribas?** (MEIRELES, 1968, p. 52, grifo nosso).

Essa mesma desilusão é expressa no poema “36”, já que a voz poética não se mostra como pertencente a uma origem conhecida, bem como se posiciona com visível melancolia frente a uma realidade incerta, que não tem mais o sustento de Deus, sendo, pois, iminente sua destruição. Trata-se de um contexto que esvaziou o ser humano e que também o automatizou, tornando-o uma espécie de objeto sem sentimentos. Tudo o que se avista no horizonte de nuvens negras são cinzas, violência, desconsolo e uma marcha desvairada, que não tem a pretensão de alcançar nenhum destino:

Não temos bens, não temos terra
e não vemos nenhum parente.

Os amigos já estão na morte
e o resto é incerto e indiferente.

Entre vozes contraditórias,
chama-se Deus onipotente:

Deus respondia, no passado,
mas não responde, no presente.

[...]

Desarmados de corpo e de alma,
vivendo do que a dor consente,

**sonhamos falar — não falamos;
sonhamos sentir — ninguém sente;
sonhamos viver — mas o mundo
desaba inopinadamente.**

E marchamos sobre o horizonte:
cinzas no oriente e no ocidente;

[...]

Sonhamos ser. Mas aí, quem somos,

entre esta alucinada gente? (MEIRELES, 1985, p. 697-698, grifo nosso).

Talvez concentre-se na desilusão moderna uma provável explicação para a permissividade total que se encontra em nosso ambiente contemporâneo: tudo o que havia sido verdade um dia, desmanchou-se no ar, evaporou-se, tornou-se rosa murcha com o pôr do sol. Em que devemos acreditar? Já não existe resposta única. Muito mais

viável, pois, cada indivíduo inventar sua própria anarquia e idealizar suas próprias teorias, pautando-se em modelos hedonistas, autossatisfatórios.

Se nas crônicas apresentadas reside essa alta carga reflexiva, que nos arrebatada e nos propõe uma forma diferente de pensar e de encarar a realidade de nossos tempos, também a poesia (propriamente dita) de Cecília Meireles lida com essa temática, quando encontramos em “Poeira” belíssimas imagens que nos apontam para a humanidade cruel:

Por mais que sacuda os cabelos,
por mais que sacuda os vestidos,
a poeira dos caminhos jaz em mim.

**A poeira dos mendigos, em cinza e trapos,
dos jardins mortos de sede,**
dos bazares tristes, com a seda a murchar ao sol,
a poeira dos mármore foscos,
dos zimbórios tombados,
dos muros despídos de ornatos,
saqueados num tempo vil.
[...] (MEIRELES, 1985, p. 644, grifo nosso).

Notemos que as imagens propostas por Meireles organizam-se em torno de vocábulos cujo valor semântico condensa-se em aspectos de *decadência*, *desmoronamento*, *desilusão* como “cinza”, “trapos”, “mortos”, “tristes”, “murchar”, “foscos”, “tombados” e “saqueados”. O emprego de tais palavras condiz com a atmosfera que se pretende retratar, já que a única coisa que restou dos ideais racionais ao ser humano foi o niilismo que se infundiu na sociedade, também retratado em “Tempo incerto”:

Os homens têm complicado tanto o mecanismo da vida que já ninguém tem certeza de nada: para se fazer alguma coisa é preciso aliar a um impulso de aventura grandes sombras de dúvida. Não se acredita mais nem na existência de gente honesta; e os bons têm medo de exercitarem sua bondade, para não serem tratados de hipócritas ou de ingênuos (MEIRELES, 1968, p. 52, grifo nosso).

Logo, uma vez niilista (leia-se: vazia e atordoada), nossa realidade já não reserva espaço para a harmonia e nem para a paz, pois estas possibilidades correspondem a valores que não fazem mais sentido, que não têm mais razão de ser. A respeito desse assassinio da paz — e da imposição ao ser humano de um cenário estúpido e grosseiro, que se presta

somente à devastação da identidade das pessoas — Cecília constrói uma pertinente metáfora no poema “Pomba em Broadway”. O texto gravita em torno da figura de uma pomba (metáfora da paz) que não encontra hospitalidade em nenhum canto do nosso mundo contemporâneo, senão muros de cimento contra os quais se debate violentamente:

[...]
Que mensagem conduzia
subindo e descendo os ares,
pela fronteira do dia,

subindo e descendo os ares,
**estrangulada nos muros
daqueles densos lugares,**
[...] (MEIRELES, 1985, p. 339, grifo nosso).

Como vimos, a única preocupação do homem moderno é a construção de arranha-céus e de muros de cimento, que reafirmam a soberania dos ideais modernos. Tal ser humano, que se proclama orgulhosamente “iluminado”, transforma o mundo em seu redor, mas transforma-o negativamente, a ponto de consolidar uma irreversível cisão entre sua essência e a natureza (à qual se torna indiferente). Não existe preservação. A única força que deve ser preservada (e, ao máximo possível, incentivada) é aquela que subjaz ao progresso da civilização, que agora se encontra livre das amarras medievais — mesmo que a era moderna (sociedade das máquinas) tenha trazido apenas falta de horizontes para a humanidade:

[...] Dando a vitória à Razão técnico-científica, inspirada no Iluminismo, a máquina fez recuar a tradição, a religião, a moral e ditou novos valores — mais livres, urbanos, mas sempre atrelados ao progresso social. Por fim, ela gerou a massa industrial, combativa, e o indivíduo mecanizado, solitário na multidão das grandes cidades, desumanizado, tema tão explorado pela arte moderna [...] (SANTOS, 2000, p. 22-23).

Dessa maneira, a presença humana em ambiente natural vai rareando: importam os aglomerados de trabalhadores que migram para a cidade em busca de um emprego na fábrica, o templo moderno. O ser humano, como aponta Cecília na crônica “Passeio na floresta”, abandona a natureza:

Depois dos mulungus de chamas vermelhas, depois dos cavalos que sacodem o orvalho das crinas, e mais além das cercas de bambu; quando se acabam as pobres cabanas, e o córrego é um fio d’água lavando pedrinhas, **quando a presença humana vai sendo cada vez mais rara** — nesse lugar as crianças

começam a sentir-se felizes: está próxima a floresta (MEIRELES, 1968, p. 18-19, grifo nosso).

Mas não somente tal abandono representa a crueldade e frieza do homem que, uma vez instalada na modernidade, prolongou-se até nossa contemporaneidade. Também a negligência e o conseqüente esquecimento da pureza do ambiente natural dão-nos a dimensão da metamorfose negativa que se operou nas pessoas a partir da Revolução Industrial (leia-se: a partir do instante em que o sujeito moderno deu ouvidos à loucura da industrialização desenfreada):

“Quando as crianças dizem que vão passear na floresta, elas estão vivendo a sua realidade, que os adultos já esqueceram” (MEIRELES, 1968, p. 19)⁶.

Resultante dessa postura mesquinha do ser humano, já não se pode mais sonhar com a probabilidade de se conhecer e de desfrutar da natureza, local-essência da realidade humana. O desprezo tornou-se um veneno tão mortífero, que, tão logo tenha passado a circular nas veias das pessoas, confinou as lembranças da natureza a uma condição utópica, imemorable, conforme finaliza Cecília no fragmento abaixo:

A floresta é um sonho enorme, em redor das crianças. É um oceano de sombra. **E aquelas flores, e aquele animais fabulosos, e os caçadores e os coquinhos amarelos, nada disso se avista mais. A floresta é apenas escuridão** (MEIRELES, 1968, p. 20, grifo nosso)⁷.

Mas a grandiosidade da obra cecilianiana reside justamente no fato de que a cronista-poetisa não se propõe apenas a retratar essa realidade desconsolada. Cecília vai além, ultrapassa a simples observação, e permeia a crônica “Arte de ser feliz” com algumas das lembranças que o homem tem feito esforço para se esquecer. Vejamos como a voz do texto nos conduz para um tempo em que existiu compaixão entre ser humano e natureza, isto é, uma relação de cooperação, de auxílio:

Houve um tempo em que a minha janela se abria sobre uma cidade que parecia feita de giz. Perto da janela havia um pequeno jardim quase seco. Era uma época de estiagem, de terra esfarelada, e o jardim parecia morto. **Mas todas as manhãs vinha um pobre homem com um balde e, em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas. Não era uma regra; era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse.** E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água

que caíam de seus dedos magros, e meu coração ficava completamente feliz. (MEIRELES, 1968, p. 25, grifo nosso).

Parece-nos que, com essa exposição, Cecília busca recuperar ainda algum bom senso que possa, por ventura, remanescer na alma do homem contemporâneo e, quem sabe, resgatá-lo dessa febre maldita que somente lhe trouxe delírios e estupidez. É preciso regressar, de alguma maneira, no tempo e voltar a dar valor à natureza. É necessário que as plantas sejam regadas, pois todas têm sofrido não pela seca natural – aquela que é inerente às condições climáticas –, mas pela secura que tem definhado não somente suas pétalas, mas também o coração do homem.

A reconstrução de uma postura compassiva em relação à natureza não deve ser feita de forma hipócrita – apenas para se falar que se tem feito alguma coisa em prol da natureza; apenas para se dizer que o progresso consegue compartilhar seu espaço com o ambiente natural. Meireles deixa-nos conscientes, através da crônica “História de bem-te-vi”, da *identidade* existente entre ser humano e natureza, melhor dizendo, a relação intrínseca e inevitável entre ambos — tão ferozmente inevitável que se mostra reflexiva: o que se faz a um influencia o outro. Homem e natureza estão interligados; são faces da mesma moeda, navegantes do mesmo barco:

O que me leva a crer no desaparecimento do bem-te-vi são as mudanças que começo a observar na sua voz. O ano passado, aqui nas mangueiras dos meus simpáticos vizinhos, apareceu um bem-te-vi caprichoso, muito moderno, que se recusava a articular as três sílabas tradicionais de seu nome, limitando-se a gritar: “...te-vi! ...te-vi!”, com a maior irreverência gramatical. **Como dizem que as últimas gerações andam muito rebeldes e novidadeiras, achei natural que também os passarinhos estivessem contagiados pelo novo estilo humano** (MEIRELES, 1968, p. 59, grifo nosso).

A deturpada relação entre homem e natureza deve ser repensada com cautela e de maneira urgente, já que a gloriosa razão – que se prestaria a conduzir o homem sempre pelos mais belos prados e também a protegê-lo de todo e qualquer mal – tornou-se a responsável pela obsessão humana que beira à irracionalidade.

A modernidade, sob esse aspecto dominador e grosseiro, deve ser encarada mais como uma regressão do que como um real avanço da humanidade, que, agora fria e sem escrúpulos, não se preocupa em exterminar inocentes animais. O preço da libertação

mítica foi pago com vidas, conforme exposto também na crônica “História de bem-te-vi”:

O tempo passou, o bem-te-vi deve ter viajado, talvez seja cosmonauta, talvez tenha voado com o seu team de futebol — que se não há de pensar de bem-te-vis assim progressistas, que rompem com o canto da família e mudam os lemas dos seus brasões? **Talvez tenha sido atacado por esses crioulos fortes que agora saem do mato de repente e disparam sem razão nenhuma no primeiro indivíduo que encontram** (MEIRELES, 1968, p. 59, grifo nosso).

A escritora posta-se inconformada frente à bruta realidade que se lhe apresenta. Embora ainda tenha ganas de respeitar a natureza – respeito que, se não encontra outra forma de concretude, dá-se pela denúncia e indignação em relação ao que observa – e apesar de ainda contemplar o ambiente natural como uma vítima injustiçada da dureza humana, percebe que a força aniquiladora da modernidade é como um câncer que se prolifera desenfreadamente, incapacitando-a de tomar, sozinha, uma atitude mais decisiva. Sendo assim, vê-se impossibilitada de prestar auxílio ao cãozinho maltrapilho que protagoniza a crônica “Um cão, apenas”. Notemos o tom pesaroso que envolve a voz da escritora no fragmento selecionado a seguir:

Mas eu não o queria vexar nem oprimir. Gostaria de ocupar-me dele: chamar alguém, pedir-lhe que o examinasse, que receitasse, encaminhá-lo para um tratamento... **Mas tudo é longe, meu Deus, tudo é tão longe. E era preciso passar.** E ele estava na minha frente inábil, como envergonhado de se achar tão sujo e doente, com o envelhecido olhar numa espécie de súplica.

Até o fim da vida guardarei seu olhar no meu coração. Até o fim da vida sentirei esta humana infelicidade de nem sempre poder socorrer, neste complexo mundo dos homens (MEIRELES, 1967, p. 19-20, grifo nosso).

Por outro lado, essa desconsideração absurda da natureza pode trazer à tona significações não habituais ou que nos poderiam passar despercebidas. Não nos seria possível pensar na possibilidade de inveja? Não teria o ser humano inveja dos animais que são dotados, muitas vezes, de habilidades que nunca conseguiremos desenvolver? Temos visto a impertinência moderna em exercer controle sobre tudo, de maneira que a supremacia toda seja creditada à espécie humana. Mas por mais intensidade que seja aplicada aos ideais iluministas (leia-se: dominadores), jamais seremos capazes de imitar a natureza ou, por outro lado, de superá-la.

Esse sentimento de inveja, de inconformidade em relação aos animais pode ser presenciado na crônica “Imagens de pássaros”, que expõe oportunamente esse despeito humano, que encontra solo fértil para seu crescimento a partir do instante em que se dá conta de que há certas coisas no mundo que se marcam, necessariamente, pelo seu mistério, pela impossibilidade de imitação, esmiuçamento e/ou explicação:

Os homens gostariam de ter asas, mas prendem os pássaros, que as têm e embora prisões, deviam ser prisões de amor, essas gaiolas que existem nos museus, de porcelana pintada de flores e enfeitada de espelhos, e as que tinham relógios de sol, e as que ainda têm poleiros de marfim... Nada disso consolaria, afinal, como disse o poeta, esses donos das árvores, das fontes, do céu, esses pequenos cantores aéreos que não sabemos, sequer, se conhecem a sua própria beleza (MEIRELES, 1967, p. 164).

Mas nos textos de Cecília que compõem o *corpus* desta pesquisa também é-nos apresentada outra imagem negativa do ser humano moderno, de forma a completar o cenário que temos aqui recriado. Tal aspecto refere-se ao egoísmo, ao individualismo, à ingratidão das pessoas, que sempre encontraram apoio na natureza, bem como dela retiraram seu sustento. É na crônica “Súplica por uma árvore” que distinguimos a arrogância do homem, responsável pela cegueira da humanidade.

O texto em questão conta-nos um episódio em que um táxi descontrolado se choca contra uma árvore, chamando a atenção do olhar atento da escritora, que concebe a planta como sendo uma heroína anônima. Entretanto, a despeito dessa postura audaciosa da árvore, seu tronco permanece lascado, vítima da injúria provocada pelo acidente. Por fim, é abandonada à própria sorte, mesmo tendo dado sua vida na tentativa de salvar o ser humano. Isso é motivo suficiente para que a poetisa dirija tais dizeres ao leitor:

Lembrei-me de tudo isso ao contemplar uma árvore que não esqueço, e cujo tronco há quinze dias se encontra todo ferido, lascado pelo choque de um táxi desgovernado. Segundo os técnicos, se não for socorrida, essa árvore deverá morrer dentro em breve: pois a pancada que a atingiu afetou-a na profundidade da sua vida (MEIRELES, 1980, p. 63).

O descaso para com a natureza encontra-se também presente em outras das crônicas selecionadas para esta pesquisa. É no texto “História de bem-te-vi” que desponta a perda da essência da natureza, que vivencia, em prantos, a extinção de animais devido à

violência humana, já que “com estas florestas de arranha-céus que vão crescendo, muita gente pensa que passarinho é coisa só de jardim zoológico; e outras até acham que seja apenas antiguidades de museu” (MEIRELES, 1968, p. 58).

Frente à tamanha iniquidade, Cecília reconhece que existem locais em que a natureza ainda tenta sobreviver, mas a autora não deixa de profetizar que o destino é o sumiço, o desaparecimento de tudo que remeta ao cenário natural.

Na crônica “Floresta incendiada” reside um dos mais singulares retratos da crueldade humana, capaz de ter incendiado um bosque que servia de casa para inúmeras espécies de plantas e de animais. O ser humano, a partir de sua suposta independência moderna, não respeita a natureza, fazendo com que tudo se dirija para a morte, para a consumação.

Também nessa crônica, tomamos conhecimento de que as crianças plantam árvores em “melancólica rotina”, o que nos sugere que, o *muito pouco* que fazem pela natureza é visto como obrigação e não como cuidado espontâneo e *humano*:

Já não me atrevo a pensar em paisagens, belezas naturais, amor por essas criaturas vegetais, repletas de maravilhas e de misteriosos silêncios. **Se as crianças amassem as árvores (não se limitassem a plantar alguma pela Primavera, em doce e melancólica rotina), se os homens tivessem respeito por esse mundo que os cerca sem que eles o procurem entender, não haveria a cada instante este clamor de sirenas, estas mangueiras desenroladas, esta fadiga dos bravos soldados a lutarem com suas machadinhas, nessas picadas que conduzem ao fogo, à devastação, à morte** (MEIRELES, 1967, p. 10, grifo nosso).

A ruptura definitiva entre o homem e a natureza é apontada em várias das crônicas analisadas. Temos aqui outros dois fragmentos que reafirmam a ideia de que a paisagem natural não será, em breve, reconhecida, tornando-se incompatível ao ser humano:

Cantam sabiás, bem-te-vis e outros pássaros, pelas altas árvores, mas há meninos que correm atrás deles, não para ouvi-los, mas para caçá-los. Por aqui ainda se sabe o que é fruta-pão, jaca, sapoti, cambucá — **mas receio que não seja por muito tempo** (MEIRELES, 1967, p. 148, grifo nosso)⁸.

Se eu disser que o mês de agosto chega no bico dos sabiás — quem me vai entender? Quem me vai entender, se eu disser que entre as névoas da manhã, sabiás invisíveis — nas mangueiras? nos ipês? — anunciam o céu azul e o dia mesmo? **Ninguém sabe mais o nome das aves. As aves desapareceram**

com as muralhas de cimento armado, com os fios que cruzam os ares, com a fumaça e os ruídos da cidade hostil (MEIRELES, 1980, p. 34, grifo nosso)⁹.

Poeticamente, o mesmo presságio manifestou-se em “Guerra”, que nos mostra a inconformidade da natureza para com a perversidade humana, no sentido de que os elementos componentes da paisagem natural têm seu ritmo alterado, descrito abaixo com toques surrealistas:

Tanto é o sangue
que os rios desistem de seu ritmo,
e o oceano delira
e rejeita as espumas vermelhas.

Tanto é o sangue
que até a lua se levanta horrível,
e erra nos lugares serenos,
sonâmbula de auréolas rubras,
com o fogo do inferno em suas madeixas.

Tanta é a morte
que nem os rostos se conhecem, lado a lado,
e os pedaços de corpo estão por ali como tábuas sem uso.
[...] (MEIRELES, 1985, p. 277).

Não obstante, embora o olhar ceciliano torne manifestas as injustiças que o homem moderno, em sua ânsia pelo progresso, comete à natureza, também nos deixa evidente que houve um tempo em que as sociedades se curvavam perante as forças naturais, respeitando-as, quer por submissão, quer por admiração e incompreensão.

Na crônica “Imagens de pássaros”, a autora nos aponta que, à época dos romanos, por exemplo, o comportamento dos pássaros era observado atentamente pelos homens, que acreditavam na anunciação de acontecimentos. Com a mesma reverência diante do mistério da natureza, “[...] no México, Montezuma despachava todas as manhãs trezentos escravos em busca de insetos para a alimentação das aves de seus viveiros” (MEIRELES, 1967, p. 164).

Parece-nos que, à Meireles, as gerações mais antigas, anteriores, conseguiam apreender a música natural, estabelecendo uma relação de identificação e equilíbrio. Esses antepassados do mesquinho homem moderno são simbolizados na figura do avô de um professor, no texto “Súplica por uma árvore”:

Um dia, um professor comovido falava-me de árvores. Seu avô conhecera Andersen-Andersen, esse pequeno deus que encantou para sempre a infância, todas as infâncias, com suas maravilhosas histórias. Mas, além de conhecer Andersen, o avô desse comovido professor legara a seus descendentes uma recordação extremamente terna: ao sentir que se aproximava o fim de sua vida, pediu que o transportassem aos lugares amados, onde brincara em menino, para abraçar e beijar as árvores daquele mundo antigo — mundo de sonho, pureza, poesia — povoado de crianças, ramos, flores, pássaros... (MEIRELES, 1980, p. 63).

Notemos que, ao instante de seu último suspiro, o avô pede para estar junto à natureza, próximo às recordações de sua infância, que adquiriram um colorido especial e poético devido à poesia do ambiente bucólico.

Relações respeitáveis entre homem e ambiente natural também são nostalgicamente lembradas quando Cecília recria um tempo de felicidade, de simplicidade, de valores:

Bons tempos, minha querida cidade, em que éramos pobres e amáveis! [...] Acreditávamos nos valores do espírito: e neles fundávamos a nossa grandeza e o nosso respeito. Mesmo quando não tínhamos muito, sabíamos partilhar o que tivéssemos com amor e delicadeza. Passávamos pelo povo mais hospitaleiro do mundo, mas esquecíamos a fama, para não nos envaidecermos com ela (MEIRELES, 1980, p. 25)¹⁰.

[...]

**Os pavões caminhavam tão naturais por meu caminho,
e os pombos tão felizes se alimentavam pelas escadas,**
que era desnecessário crescer, pensar, escrever poemas,
pois a vida completa e bela e terna ali já estava.

**Como a chuva caía das grossas nuvens, perfumosa!
E o papagaio como ficava sonolento!
O relógio era festa de ouro; e os gatos enigmáticos
fechavam os olhos, quando queriam caçar o tempo.**

Vinham morcegos, à noite, picar os sapotis maduros,
e os grandes cães ladravam como nas noites do Império.
Mariposas, jasmims, tinhorões, vaga-lumes
moravam nos jardins sussurrantes e eternos.
[...] (MEIRELES, 1985, p. 266, grifo nosso)¹¹.

Também esse ser humano, que encontra na natureza uma amizade incondicional, era interessado em suas próprias essências, em suas histórias e origens:

Tínhamos carinho pela nossa bagagem de lembranças, pela experiência dos nossos mortos, que desejávamos honrar. Prezávamos tanto os nossos avós como desejávamos que viessem a ser prezados os nossos filhos. Éramos elos de uma corrente que não queríamos, de modo algum, obscurecer.

Éramos modestos e cordiais, sensíveis e discretos (MEIRELES, 1980, p. 25-26, grifo nosso)¹².

O contexto contemporâneo é confuso e aleatório: cada sujeito pode (e deve!) propor sua própria anarquia, renegando valores, criando estilos, mesclando tendências... O individualismo acentuou-se e, com tal intensificação, o que pudemos presenciar foi a perda do sentimento de preservação, de cuidado recíproco.

Tal mudança na sociedade foi notada pela cronista-poetisa, que nos relata na crônica “Descobrimto do anjo da guarda” que, em tempos áureos, “as pessoas visitavam-se, contavam suas histórias familiares, aconselhavam-se. Havia pequenas festas, um pouco de dança, a música da filarmônica local, um grupo de teatro” (MEIRELES, 1980, p. 52).

Mas eis que o anjo negro da modernidade instalou na cultura uma apologia ao individualismo, que, na nossa contemporaneidade, se mostra exacerbado e profundamente arraigado.

A ruptura com o discurso moderno — justamente aquele que muito prometeu em termos de igualdade e liberdade e pouco cumpriu —, decorrente do período pós-guerra e da dominação do discurso técnico-científico, gerou em nossa sociedade uma descrença em relação aos valores morais, éticos, religiosos e às metanarrativas, conforme exposto nos fragmentos selecionados a seguir:

a) O discurso histórico, absoluto, irrefragável, é questionado na crônica “Tempo incerto”:

Chegamos a um ponto em que a virtude é ridícula e os mais vis sentimentos se mascaram de grandiosidade, simpatia, benevolência. A observação do presente leva-nos até a descrever dos exemplos do passado: os varões ilustres de outras eras terão sido realmente ilustres? **Ou a História nos está contando as coisas ao contrário, pagando com dinheiros dos testamentos a opinião dos escribas?** (MEIRELES, 1968, p. 52, grifo nosso)¹³.

A respeito do crescente questionamento que se instalou na cultura, manifestou-se Leandro Pinheiro Chevitarese, mostrando-nos que todo discurso uma vez absoluto nada mais é agora senão cordeiro a ser imolado pelo machado da pós-modernidade:

Na modernidade as grandes narrativas desempenhavam o papel de metanarrativas, prescrevendo todas as regras. Mas o Desencanto na Cultura e a condição pós-moderna trazem a necessidade de mais liberdade, mais especificidade e heterogeneidade; a dúvida e a suspeita quanto à possibilidade de totalização dos *grands récits* exige uma reformulação crítica do papel a ser desempenhado pelos discursos que antes legitimavam a ciência (CHEVITARESE, 2000, p. 62, grifo do autor).

b) O materialismo tornou-se o deus para o qual são rendidas todas as oferendas. Não se tem crença em mais nada, salvo no dinheiro e na riqueza, como ilustrado na crônica “Lamento pela cidade perdida” — cujo próprio título nos sugere o desconsolo de uma cidade corrompida:

E assim, minha querida cidade, a juventude tem perdido a generosidade, a maturidade tem esquecido sua prudência, e a velhice sua sabedoria: **todos aqui têm ficado menores, e meio pobres, à medida que aumentam a tua riqueza e a tua grandeza.** E então eu me pergunto que grandeza, que riqueza são essas que fazem diminuir e empobrecer os teus habitantes. Que fundamento funesto existe nessa riqueza e nessa grandeza que, à sua sombra, os homens se tornam mesquinhos, perversos, ardilosos de pensamento e ferozes de coração (MEIRELES, 1980, p. 26, grifo nosso).

c) A descrença no discurso religioso remete-nos ora à inexistência de Deus, como o propõe Nietzsche (2005), ora à impossibilidade de alcançá-lo, conforme retratado, respectivamente, na crônica “Descobrimento do anjo da guarda” e no poema “36”:

Foi assim que, uma tarde, a moça pensou no Anjo da Guarda. **Deus era grande demais, para atingi-lo:** não tinha coragem. Chamou baixinho o Anjo da Guarda para experimentar. **Ao contrário, porém, do que ela esperava, o Anjo da Guarda respondeu** (MEIRELES, 1980, p. 53, grifo nosso).

[...]
Entre vozes contraditórias,
chama-se Deus onipotente:
**Deus respondia, no passado,
mas não responde, no presente.**
Por que esperança ou que cegueira
damos um passo para a frente?
[...] (MEIRELES, 1985, p. 698, grifo nosso).

d) Deus, reificado, tornou-se objeto de exposição (tendência estética), conforme o poema “Improviso para Norman Fraser”:

O músico a meu lado come
o pequeno peixe prateado.

Percorre-lhe a pele brilhante,
abre-a, leve, de lado a lado.

**Úmido deus de água e alabastro,
aparece o peixe despido.**

**E, como os deuses, pouco a pouco,
vai sendo pelo homem destruído.**

Ah, mas que delicado culto,
que elegante, harmonioso trato

se pode dispensar a um peixe
como um deus exposto num prato!
[...] (MEIRELES, 1985, p. 341, grifo nosso).

Uma vez em via de decadência, tais discursos abriram caminho para a ascensão e consolidação de um discurso estético, que beira, não raro, a alienação do sujeito. Nossa sociedade contemporânea é composta de agrupamentos que imploram pelo espetáculo — *parecer* (e não ser):

O que lhes dá sentido é que elas [as massas] querem o espetáculo. Nenhuma força pôde convertê-las à seriedade dos conteúdos, nem mesmo à seriedade do código. O que se lhes dá são mensagens, elas querem apenas signos, elas idolatram o jogo de signos e de estereótipos, idolatram todos os conteúdos desde que eles se transformem numa sequência espetacular (BAUDRILLARD, 1993, apud CHEVITARESE, 2000, p. 73).

Para Cecília, tal espetacularização da sociedade e dos valores — que constroem a realidade sobre pilares de ilusão — é impiedosamente agressiva, já que inflige suas torturas até mesmo nas pequenas crianças. Apreciemos o fragmento a seguir da crônica “Passeio na floresta”, que ilustra bem a ideia mencionada: “Quando as crianças dizem que vão passear na floresta, elas estão vivendo a sua realidade, que os adultos já esqueceram [...]. As crianças querem dar suas provas de heroísmo e destemor” (MEIRELES, 1968, p. 19).

Percebamos que, no excerto transcrito, tanto crianças quanto adultos são seres alienados: estes, não se lembram mais da sua realidade, o que nos sugere a abdicação de qualquer responsabilidade sobre o descontrole de nossa cultura; aquelas, são alienadas pela busca incessante de um ato heroico, que possa lhes conferir um estatuto mais privilegiado, afirmando, de alguma forma, sua identidade.

O declínio do projeto moderno — e, com ele, a decadência também de toda uma sociedade que havia apostado todas as suas fichas em uma proposta iluminada e libertadora — nos faz questionar acerca do utilitarismo que passou a ser entoado pela harpa da razão.

O culto prestado ao discurso científico é alvo de questionamento, considerando que toda a técnica — transmitida, inclusive, nas escolas —, embora tenha assegurado a posição suprema do homem, parece tê-lo colocado embaixo de uma guilhotina de lâmina afiada que, a qualquer momento, era capaz de se precipitar sobre sua veia jugular.

A respeito das inutilidades técnicas ensinadas pela própria escola — um dos mecanismos de manutenção do discurso moderno e científico —, que deixa de lado assuntos realmente importantes, humanizadores, escreveu Cecília Meireles: “Pergunto-me onde estão as lindas professorinhas que não conversam com seus alunos sobre florestas, chuvas, erosões, ainda que não fosse senão pelo interesse de garantirem água às torneiras de suas casas” (MEIRELES, 1967, p. 10)¹⁴.

A busca pela aplicação prática e imediata das coisas tornou o ser humano superficial, iludido por um pseudoprogresso, que nada mais fez senão tecer teias de aparência para a raça humana:

Este bairro, que hoje também é meu, causa-me grande tristeza. É o último reduto de uma cidade amável, simples e bela: bem se vê que estas são as últimas cercas de brincos-de-princesa, de madressilva, de bela-emília... Que estes são os últimos manacás, os derradeiros hibiscos. Tudo se vai tornando árido, meramente utilitário. **E Deus sabe se é só do imediato e do indispensável que vive o homem!** (MEIRELES, 1967, p. 148, grifo nosso)¹⁵.

São justamente tais espíritos superficiais que são postos em foco na crônica “Mundo engraçado”, quando Cecília Meireles traça um perfil dos oportunistas, que vivem sob o enodado véu das aparências e que não guardam nenhum resquício de sinceridade e compaixão.

A escritora sabiamente reconheceu — interpelando e desmascarando em pensamento e em palavras a falsidade do sujeito contemporâneo — a hipocrisia que conduz nossa sociedade, dela fazendo alvo de crítica e ironia pungentes:

Há os mentirosos, por exemplo. E pode haver coisa mais engraçada que o mentiroso? Ele diz isto e aquilo, com a maior seriedade; fala-nos de seus planos; de seus amigos (poderosos, influentes, ricos); queixa-se de algumas perseguições (que, aliás, profundamente despreza); às vezes conta-nos que foi roubado em algum quadro célebre ou numa pedra preciosa, oferecida à sua bisavó pelo Primeiro-Ministro da Cochinchina. O mentiroso conhece as maiores personalidades do Mundo — trata-as até por tu! Seus amores são a coisa mais poética do século. Suas futuras viagens prometem ser as mais sensacionais, depois dessas banalidades de Ulisses e Simbad... (MEIRELES, 1968, p. 15-16).

Pelos escritos de Cecília, distinguimos, inclusive, que o discurso do mentiroso — melhor dizendo, do homem que vive de aparências, apegado a uma ilusão imagética que não pede mais do que uma leve brisa para se desvanecer —, não é fruto apenas de seu interior, mas atendimento às exigências de uma sociedade espetacularizada, que pede por narrativas da estirpe dos sonhos ou de grandeza que beira ares cinematográficos, épicos, memoráveis. Apreendamos o tom cético de Cecília no fragmento a seguir:

Em geral os mentirosos são muito agradáveis, desde que não se tome como verdade nada do que dizem. E esse é o inconveniente: às vezes, leva-se algum tempo para se fazer a identificação. Uma vez feita, porém, que maravilha! — é só deixá-los falar. É como um sonho, uma história de aventuras, um filme colorido.

Há também os posudos. Os posudos ainda são mais engraçados que os mentirosos e geralmente acumulam as funções. O que os torna mais engraçados é serem tão solenes. Os posudos funcionários são deslumbrantes! Como se sentam à sua mesa! Como consertam os óculos! Que coisas dizem! As coisas que dizem são poemas épicos com a fita posta ao contrário [...] (MEIRELES, 1968, p. 16)¹⁶.

Em “Descobrimento do anjo da guarda”, a escritora vai à fonte da realidade, encontrando múltiplos filetes de água, que podem ser compreendidos aqui como as várias instâncias sociais em que a conduta estética já se mostra arraigada, condicionando o homem à busca descomedida de ambição e fama:

O que mais a assombrava era a ausência de apoio social: as moças de sua idade falavam de penteados; os professores, de taxas, reivindicações, abonos, e os rapazes discorriam sobre esporte — ou eram grandes mestres em toda categoria de arte, ou grandes condutores da humanidade, oradores e grevistas. Meio *gangsters*, meio líderes, desesperados de ambição (grifo da autora) (MEIRELES, 1980, p. 53).

É interessante considerarmos também que no poema “Jornal, longe”, a realidade descrita pela autora marca-se pela ausência de diretrizes e pelo questionamento da funcionalidade dos meios de comunicação, que são os principais responsáveis pela difusão e pela conseqüente manutenção dos discursos estéticos em nossa sociedade.

Cecília — à sua época, através das crônicas aqui analisadas — reparou a tendência da mídia em explorar as mazelas da raça humana (como o tem sido em nosso contexto contemporâneo, considerando-se o fato de que os meios de comunicação exercem influência inigualável para o consumo).

Assim sendo, atentemo-nos para o fato de que, para a escritora, o sol torna pálidas as “letras infinitas” dos meios de comunicação, que se consomem em relatos da guerra:

Que faremos destes jornais, com telegramas, notícias,
anúncios, fotografias, opiniões...?

Caem as folhas secas sobre os **longos relatos de guerra:**
e o sol empalidece suas letras infinitas.
[...] (MEIRELES, 1985, p. 301, grifo nosso).

É justamente em tal contexto sem esperanças – em decorrência das atrocidades bélicas que a humanidade presenciou – que o projeto iluminista perde força e, paradoxalmente, contribui para a ascensão da pós-modernidade.

Marca também essa ruptura a estetização do discurso religioso, “[...] [pois as massas] conservaram foi o fascínio dos mártires e dos santos, do juízo final, da dança dos mortos, foi o sortilégio, foi o espetáculo e o cerimonial da Igreja” (BAUDRILLARD, 1993 apud CHEVITARESE, 2000, p. 73).

Além disso, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, diga-se de passagem, nos atenta para a noção de poder que se tornou pretexto desse mesmo discurso religioso, quando dito que Deus nada mais é senão uma criação do ser humano, um ídolo que acaba justificando a dominação de pessoas:

Deus degenerado em “contradição da vida”, em vez de ser a glorificação dela e o seu “sí” eterno. Declarar a guerra em nome de Deus, à natureza, à vontade de viver! Deus, a fórmula para todas as calúnias do “lado de cá”,

para todas as mentiras do “lado de lá”. O nada divinizado em Deus, a vontade para o nada santificado... (NIETZSCHE, 2005, p. 30).

O poema “Mulher ao espelho” exemplifica, da mesma forma, essa tendência obsessiva pela estetização:

Hoje que seja esta ou aquela,
pouco me importa.
Quero apenas parecer bela,
pois, seja qual for, estou morta.

Já fui loura, já fui morena,
já fui Margarida e Beatriz.
Já fui Maria e Madalena.
Só não pude ser como quis.

Que mal faz, esta cor fingida
do meu cabelo, e do meu rosto,
se tudo é tinta: o mundo, a vida,
o contentamento, o desgosto?

Por fora, serei como queira
a moda, que me vai matando.
[...] (MEIRELES, 1985, p. 272).

Em tal texto, podemos perceber que o eu lírico está morto, o que aqui nos dá a ideia de ausência, perda de identidade de uma pessoa que não pôde “ser como quis”, melhor dizendo, não pôde respeitar sua verdadeira essência. A voz poética apenas precisa *parecer* bela, já que essa é a exigência feita por uma sociedade estetizada, que possui uma moda e padrões de beleza ditadores.

Uma vez manipulado pelos meios de comunicação — responsáveis pela grande parte da disseminação de falsos valores —, o sujeito contemporâneo queda-se inerte frente à realidade desconsolada que se lhe apresenta.

Novamente, a ausência de atitude em relação ao cãozinho da crônica “Um cão, apenas” simboliza a nossa realidade, em que muitos ainda defendem uma melhoria, mas parecem “dar murros em pontas de facas”, já que nos parece inalcançável a compreensão do próximo:

Ele ia descendo como um velhinho andrajoso, esfarrapado, de cabeça baixa,
sem firmeza e sem destino. Era, no entanto, uma forma da vida. Uma criatura

deste mundo de criaturas inumeráveis. Esteve ao meu alcance; talvez tivesse fome e sede: e eu nada fiz por ele; amei-o, apenas, com uma caridade inútil, sem qualquer expressão concreta (MEIRELES, 1967, p. 20).

Essa falta de perspectiva da nossa atual sociedade é-nos explicada por Jair Ferreira dos Santos, para quem

o choque entre a racionalidade produtiva e os valores morais e sociais já se esboçava no mundo moderno, o industrial. Na atualidade pós-moderna, ele ficou agudo, bandeiríssimo, porque a tecnociência invade o cotidiano com mil artefatos e serviços, mas não oferece nenhum valor moral além do hedonismo consumista. Ao mesmo tempo, tais sociedades fabricaram fantasmas alarmantes como a ameaça nuclear, o desastre ecológico, o terrorismo, a crise econômica, a corrupção política, os gastos militares, a neurose urbana, a insegurança psicológica (SANTOS, 2000, p. 73).

O esvaziamento da realidade que temos vivenciado de maneira mais acentuada nos últimos anos — bem como a aniquilação de quaisquer horizontes mais promissores — coloca-nos frente ao nada. Cecília sensibiliza-se com essa ausência de perspectivas para as almas mais jovens, que, tão logo tenham abandonado a tenra idade, já se alienam pelo niilismo:

E eis que tudo isso, que era a tua virtude e o teu encanto, desapareceu de súbito, porque uma ambição de grandeza e riqueza toldou a tua beleza tranquila. Como resistiriam os pássaros e as flores aos teus agressivos muros de cimento armado? **E os jovens, bruscamente desorientados?** Ah! não se pensou nisso... (MEIRELES, 1980, p. 26, grifo nosso)¹⁷.

A cidade, templo do progresso moderno, inundada por todos os lados de máquinas, produção em série e revisão científica, é o ambiente em que o ser humano se torna alheio em relação aos outros, haja vista a ausência de tempo e a ruptura com um passado mais manso, que não se guiava pela velocidade. Essa estranheza é-nos apresentada na crônica “Descobrimento do anjo da guarda”, quando a personagem da história defronta-se com o turbilhão efervescente do ambiente urbano:

Mas a grande cidade era assim, com tanta gente, ninguém prestava atenção a nada, havia música por toda parte, nos edifícios, pelas ruas, nas casas comerciais, nos mercados, nos restaurantes, e ela mesma já nem sentia a música, já não se ouvia, não se achava necessária (MEIRELES, 1980, p. 52).

A modernidade, com sua deformidade fáustica (leia-se: arrogante), na defesa da sociedade da máquina e da disseminação de discursos totalitários — dos quais podemos citar o discurso histórico, que renegou o passado pré-moderno, mítico, em favor de eventos únicos, singulares, marcados temporal e espacialmente —, esqueceu-se dos escrúpulos embaixo da cama. O que, teoricamente, constituiria a salvação do homem, a libertação de nossa espécie, tornou-se nada mais que uma forma de controle social, que acabou por reduzir o homem a uma matrícula, conforme exposto por Leandro Pinheiro Chevitarese:

A modernidade, então, é concebida como a era da racionalidade, da objetividade científica, da tecnocracia e, conseqüentemente, de tudo que pudermos pensar como “controle social” [...]. Os seres humanos tornam-se números e estatísticas. Caberia aos pós-modernos, contrariamente, resgatar a sensibilidade e a imprevisibilidade características da “vida”, abrindo espaço para a desordem e para a fragmentação. Daí seu fascínio por filósofos como Nietzsche, para quem a “vontade de verdade” torna-se “vontade de potência” e todo o racionalismo pode ser visto como controlador e repressivo (2000, p. 23).

A inclinação moderna / ocidental para o uniforme foi apontada por Jair Ferreira dos Santos, que nos explica também que

Os jesuítas convertiam as diferentes tribos brasileiras a uma idêntica religião: o cristianismo. Os brancos europeus submeteram vários povos, de diferentes raças, a uma idêntica economia: o capitalismo. A linha de montagem impôs a diferentes personalidades gestos idênticos. O ocidente sempre se deu mal com as diferenças: a do índio, do negro, do louco, do homossexual, da criança, da poesia (expulsa da República por Platão) (2000, p. 79-80).

Dos textos poéticos selecionados para o *corpus*, ilustram de maneira pertinente a anulação da humanidade, que agora não encontra horizontes para os quais marchar, os poemas “36” e “Canção excêntrica”, respectivamente transcritos a seguir:

[...]
E marchamos sobre o horizonte:
cinzas no oriente e no ocidente;
e nem chegada nem retorno
para a imensa turba inconsciente
[...] (MEIRELES, 1985, p. 698).

[...]
Meu coração, coisa de aço,
começa a achar um cansaço
esta procura de espaço

para o desenho da vida
[...] (MEIRELES, 1985, p. 148, grifo nosso).

Nos versos do segundo texto, podemos captar o desabafo da voz poética, cujo coração está cansado de buscar uma razão para a qual viver, já que a veemência da realidade é mais agressiva e persistente. Além disso, temos que o desconsolo enfrentado pela cultura não facilita a busca da essência humana, que perdida ficou nas areias quentes de um tirânico deserto.

Analisemos mais detidamente a maneira como a perda de identidade, decorrente da anulação através da racionalização da sociedade, ecoa na parcela da produção ceciliana tomada para esta pesquisa.

Em “Floresta incendiada”, encontramos-nos com tal indignação:

E como este fogo anda em volta dos arranha-céus que já foram instalados onde antes a mata verdejava, alguém chama às pressas os bombeiros, e já se ouve a sirena diligente dos carros vermelhos que trazem os bravos soldados. Hoje eu estou pessimista, e acho que, só pelas árvores, ninguém os chamaria. Chamam-nos pelo medo de terem suas moradias queimadas. **Oh! Deus, esta humanidade está ficando por demais interesseira e insensível!** (MEIRELES, 1967, p. 9, grifo nosso).

De acordo com o que o olhar atento da escritora apreende da realidade, temos que o ser humano tornou-se interesseiro e insensível, pedindo ajuda para que não sejam atingidos, de fato, os arranha-céus (concreto torpe), e não as árvores, que queimam de maneira incontrolável.

Mais adiante, na mesma crônica, compreendemos que, para a cronista-poetisa, a modernidade é reflexo de uma regressão — e não, como contrariamente se defendeu à era da industrialização, um avanço —, que, dentre outras fatalidades, prestou à anulação do homem, agora sem valor:

Hoje eu estou mesmo pessimista. Parece-me que os homens estão ficando piores todos os dias. Talvez não seja só por estes incêndios: eles, porém, são de algum modo simbólicos. Os homens estão voltando à brutalidade e à selvageria. Esta vocação de incendiários deixa-me perplexa. **Pensando bem, pergunto-me se a criatura humana, hoje em dia, vale uma árvore. Estou muito pessimista** (MEIRELES, 1967, p. 10, grifo nosso).

Para além do tom melancólico presente em tal texto, é na crônica “Um cão, apenas” que será proposta uma das mais belíssimas reflexões acerca da natureza humana — corrompida pelos ideais arrogantes modernos —, quando a autora nos cativa com uma lição de vida, baseada na colheita daquilo que se planta: “Depois pensei que nós todos somos, um dia, esse cãozinho triste, à sombra de uma porta. E há o dono da casa, e a escada que descemos, e a dignidade final da solidão” (MEIRELES, 1967, p. 20).

A figura do cão abandonado leva-nos a questionar a nossa própria postura perante nossos companheiros de existência, a partir do instante em que, para Cecília, o destino do ser humano — dadas as condições absurdas em que se encontra, assim como a falta de diálogo existente — é unicamente a fria solidão, que, inundando todas as frestas e cantos do tempo presente, causa um sentimento de estranheza na alma da escritora, uma vez que, já aparente na poesia ceciliana,

[...] a imagem que a poetisa conhecia de si mesma está perdida, embutida no fundo de um espelho desbaratado pelo tempo, espelho que também não se pode localizar, de maneira que o retrato mostra apenas a outra face, a que restou, e que é a presente, porém desconhecida e fonte de grande estranhamento (FARRA, 2006, p. 353).

Podemos interpretar, ao longo das leituras, que o projeto iluminista falhou e que a única manufatura que a vil engrenagem deste pôde fabricar foi a regressão a uma condição humana que se caracteriza por posturas nitidamente atávicas, irracionais:

Mas os homens incendeiam clandestinamente as matas para lotearem as terras, e há mesmo quem coma sabiás, nestes últimos bairros arborizados, da minha cidade, pois parece que vamos **regredindo** e qualquer dia talvez cheguemos a antropófagos (MEIRELES, 1967, p. 164, grifo nosso)¹⁸.

Os analfabetos, que deviam aprender, ensinam! Os ladrões vestem-se de policiais, e saem por aí a prender os inocentes! Os revólveres, que eram considerados armas perigosas, e para os quais se olhava a distância, como quem contempla a Revolução Francesa ou a Guerra do Paraguai — pois os revólveres andam agora em todos os bolsos, como troco miúdo. **E a vocação das pessoas, hoje em dia, não é para o diálogo com ou sem palavras, mas a balas de diversos calibres** (MEIRELES, 1968, p. 53-54, grifo nosso)¹⁹.

Tal regressão seria a responsável, inclusive, pela corrupção humana, que se proliferou na cultura contemporânea, no sentido de que os valores ruíram, bem como qualquer expectativa de solidariedade, submetendo o homem à própria sorte, ao acaso. É visível e contumaz o abandono do homem, “[...] indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano de fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal” (HALL, 2005, p. 32).

Como temos afirmado, a construção de um altar para a infalível razão iluminista, que ofereceu ao homem a liberdade científica, a descentralização do conhecimento — que, durante longos séculos, havia ficado preso nas masmorras medievais e nas bibliotecas da Igreja —, também tem sua face funesta, a partir do instante em que consideramos a autonomia do homem em inventar, descobrir e fundar verdades. Vejamos.

Uma vez licenciado pelo espírito e pelos procedimentos racionais para recorrer às teorias mais convenientes, o homem engajou-se em uma procura ambígua: se, por um lado, foi a partir dessa “libertação” que as ciências conseguiram avançar, não podemos desconsiderar a outra face da moeda. “Se há liberdade, posso propor minhas próprias ideias”, certamente pensou o homem e, embora à época moderna tenha existido um certo domínio sobre teorias ludibriantes, já é certo que em nossa contemporaneidade tal controle esfacelou-se, dando origem ao que se tem chamado de *discursos fundamentalistas*, que correspondem a ideologias inquestionáveis, que beiram o irracional, e que, não raro, castigam severamente qualquer contestação, consoante os dizeres de Leandro Pinheiro Chevitarese: “O fundamentalismo, entendido como opção por uma resposta dogmática, supostamente patenteada e garantida como resposta certa, é um exemplo de ausência crítica, uma forma de usar a liberdade para fugir dela” (2000, p. 70).

Cecília ilustra nosso ambiente acrítico, liberado por múltiplas proposições teóricas, na crônica “Tempo incerto”:

No tempo de Molière, quando um criado dava para pensar, atrapalhava tudo. Mas agora, além dos criados, pensam os patrões, as patroas, os amigos e inimigos de uns e de outros e todo o resto da massa humana. E não só pensam, como também pensam que pensam! **E além de pensarem que pensam, pensam que têm razão! E cada um é o detentor exclusivo da razão!**

Pois de tal abundância de razão é que se faz a loucura (MEIRELES, 1968, p. 53, grifo nosso).

Temos de considerar também que a personalidade do homem contemporâneo é aquela que, arrebatada pela estética, se deixa guiar pela busca individual e imediata do prazer, aliada a uma personalidade flutuante, conforme disserta o pesquisador Sergio Paulo Rouanet:

O homem pós-moderno é esquizoide, é permeável a tudo, tudo é demasiadamente próximo, é promíscuo com tudo que o toca, deixa-se penetrar por todos os poros e orifícios, e nisso se parece com o antiÉdipo de Deleuze e Guattari, que liberta os fluxos de energia obstruídos pelo capitalismo, transformando-se, assim, na pura máquina desejante, no revolucionário esquizofrênico que se opõe à paranoia fascista (2004, p. 234).

A esse estado de espírito instável, soma-se a desatenção do ser humano para com os outros: já não importam os sentimentos das pessoas, pois estas nada mais são senão máquinas programadas para repetir o discurso dominante, reafirmando a posição dos detentores do poder – se é que ainda existe tal minoria, uma vez que também os dominadores parecem ter rendido culto e submissão à máquina e à velocidade –:

[...]
Desarmados de corpo e de alma,
vivendo do que a dor consente,
sonhamos falar — não falamos;
sonhamos sentir — ninguém sente;
sonhamos viver — mas o mundo
desaba inopinadamente
[...]
Sonhamos ser. Mas aí, quem somos,
entre esta alucinada gente? (MEIRELES, 1985, p. 698)²⁰.

Essa desatenção que se instalou na cultura moderna — e, de forma mais intensa, em nossa contemporaneidade — é bem refletida no excerto que segue, quando notamos a inadaptação de uma moça que, vinda do interior, defronta-se com o escândalo vivo que é a cidade grande:

O ambiente era desatento. Tudo entrava por um ouvido e saía pelo outro. E o que acontecia com a profissão acontecia também com a vida: prometiam coisas que não cumpriam, marcavam encontros que não se efetivavam, as colegas pareciam-lhe muito sofisticadas, e depois de ter observado um pouco, com a sua bem-organizada cabeça disciplinada por bemóis e sustenidos,

chegara à conclusão de que (pelo menos por enquanto) não valia a pena namorar (MEIRELES, 1980, p. 53)²¹.

Mas o homem pós-moderno não apenas deixa-se permear e ser tocado por novas e bizarras tendências e comportamentos. Percebemos, em nossos dias, uma profunda mudança na estabilidade do sujeito moderno, já que tal “[...] sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2005, p. 12).

Também a corrupção, que vicejou em seu seio a partir do individualismo e da sede de poder iluministas, guia-se pelo desejo obsedante de posse, já que a detenção de bens materiais, ao estampar uma aparência conveniente, é postura-chave em nossa sociedade contemporânea:

[...] Os posudos, porém, são menos agradáveis que os simples mentirosos. Os mentirosos têm um jeito frívolo, como se andassem acompanhados de um criado que anunciasse: “Não creiam em nada do que o meu amo diz!” Mas os posudos levam um séquito de criados, todos posudos também, que recolhem nas sacolas, grandes e pequenas gorjetas, porque uma das qualidades do posudo é andar sempre com muito dinheiro — que não é seu! (MEIRELES, 1968, p. 16)²².

Em “Poeira”, localizamos um cenário de desconsolo, de ausência de direção: o ambiente retratado por Cecília Meireles é um espelho da nossa própria atmosfera. Observemos um excerto do referido poema, atentando-nos ao tumulto das ruas, ao desconsolo sentido pela própria natureza, cujos rios e poços veem-se desamparados. É interessante percebermos, inclusive, o estado de ruínas em que se encontram janelas e varandas – elementos que, como vimos, remetem-nos a um ambiente passado, mais harmônico, quando as casas não haviam ainda sido substituídas por estúpidos arranha-céus e por fábricas negras:

[...]
A poeira dos mansos búfalos em redor das cabanas,
das rodas dos carros, em ruas tumultuosas,
do fundo dos rios extintos,
de dentro dos poços vazios,
das salas desabitadas, de espelhos baços,

a poeira das janelas despedaçadas,
das varandas em ruína,

dos quintais onde os meninozinhos
brincam nus entre redondas mangueiras.
[...] (MEIRELES, 1985, p. 645).

Mas a alma sensível e apreensiva de Cecília Meireles não se restringe apenas à exposição dessa realidade sombria, não se limita à observação e à transposição dos fatos para o texto literário.

A escritora surpreende e encanta, mais uma vez, a partir do momento em que oferece determinadas ideias ao leitor que podem bem ser consideradas conselhos e/ou diretrizes para a melhoria ou para a sobrevivência do homem em meio a tamanhas conturbações. Excetuando-se outras prováveis interpretações (haja vista a amplitude da obra analisada), apontaremos quatro concepções que se apresentam à Meireles como atenuantes de nossa realidade.

A primeira “solução”, como assim ousamos chamar tais conselhos cecilianos, nos indica que a felicidade — ausente na quase totalidade de nosso contexto histórico e social — deve ser aceita com simplicidade, pois nada mais é senão a contemplação de coisas corriqueiras, conforme escrito na crônica “Arte de ser feliz”:

Houve um tempo em que a minha janela se abria para um chalé. Na ponta do chalé brilhava um grande ovo de louça azul. Nesse ovo costumava pousar um pombo branco. Ora, nos dias límpidos, quando o céu ficava da mesma cor do ovo de louça, o pombo parecia pousado no ar. Eu era criança, achava essa ilusão maravilhosa, e sentia-me completamente feliz (MEIRELES, 1968, p. 24).

Também no mesmo texto, Cecília nos ensina que a felicidade não *está* nas coisas, pronta, acabada, mas é vista pelos olhos de quem se dispõe a percebê-la ou a refletir sobre sua singeleza:

Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor. Outras vezes encontro nuvens espessas. Avisto crianças que vão para a escola. Pardais que pulam pelo muro. Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais. Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar. Marimbondos: que sempre me parecem personagens de Lope de Vega. Às vezes, um galo canta. Às vezes, um avião passa. Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino. E eu me sinto completamente feliz.

Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim (MEIRELES, 1968, p. 25).

O segundo caminho apresentado pela escritora – caminho este de reflexão, que nos auxilia na compreensão de nossa própria existência – é consequência do primeiro conselho. A partir do momento em que nos dispomos a observar as coisas simples de forma espontânea, conseguimos dirigir um olhar atento, sensível e humano para a natureza, que passa, na crônica “Súplica por uma árvore”, a ser verdadeira heroína:

[...] Mas um observador mais sensível, mais dedicado ao que mora além das aparências – sem divergir da descrição gráfica do fato –, veria, no instante mais agudo da situação, a bondosa, a caridosa, a dadivosa árvore enfrentar o desastre com a sua solidez estóica, deter o desvario da máquina, embora expondo ao risco a sua vida.

Com que abraço se pode agradecer o heroísmo de uma árvore? Num tempo em que os homens se destroem com pensamentos, palavras e atos, de que maneira se pode louvar uma árvore que protege e salva, embora anônima e em silêncio? A quem se deve pedir que venha, com os recursos de que os homens dispõem, impedir que se extinga a vida vegetal que salvou uma vida humana? Vinde, senhores da cidade!, tratai desta árvore-símbolo! Tratai-a com amor, porque está sofrendo, porque está ferida, porque não se queixa – e para que não se diga que os homens são menos generosos que as plantas (MEIRELES, 1980, p. 64).

A terceira “solução” para o desconsolo pós-moderno que podemos encontrar no *corpus* analisado nesta pesquisa refere-se à questão da espiritualidade – morta e enterrada pela razão iluminista –, já que Cecília concebe os valores do espírito como vigas maciças de sustentação de nossa existência:

Foi assim que, uma tarde, a moça pensou no Anjo da Guarda. Deus era grande demais, para atingi-lo: não tinha coragem. Chamou baixinho o Anjo da Guarda para experimentar. Ao contrário, porém, do que ela esperava, o Anjo da Guarda respondeu. Passou a conversar com ele todos os dias. Todos os ruídos em redor se dissolveram: os barulhos do mundo e as conversas frívolas. Sozinha, ela fala com o seu Anjo da Guarda que, solícito, responde às suas dúvidas e resolve os seus problemas.

Voltada para esse paraíso interior, disse-me que é outra pessoa: tudo lhe parece claro, certo, com outro sentido. Seu mundo de música é o mesmo do Anjo da Guarda. E acha admirável que esse mundo possa existir dentro do outro, veloz e ruidoso, sem ser atingido em sua harmonia, livre de qualquer vulgaridade e aflição (MEIRELES, 1980, p. 53).

As crônicas e poemas cecilianos estudados nos dão a segurança e o incentivo de que é inerente ao homem, desde os primórdios, a busca e a construção de uma identidade. Apesar de essa mesma identidade ter sido praticamente anulada pelas diretrizes e imposições iluministas, a cronista-poetisa nos estende as mãos, em gesto de apoio, como se nos dissesse que é preciso, sempre, continuar. É preciso não desistir da busca de nossa identidade, de nossa essência, por mais que os tempos sejam outros, por mais que as atrocidades tenham sufocado nosso espírito, que agora se encontra amedrontado. É preciso sempre procurar “espaço para o desenho da vida” (MEIRELES, 1985, p. 148)²³.

Por fim, se dirigirmos nossa atenção para os recursos estilísticos presentes nos textos examinados, encontraremos a *personificação* e a *metáfora* como os dois principais mecanismos para a construção das imagens que nos mostram a veemência da realidade. Observemos:

(a) Na crônica “Floresta incendiada”, por exemplo, as plantas personificadas ilustram melhor a angústia da natureza, que sofre com uma queimada:

Os bravos soldados olham de longe para esse espetáculo que se repete constantemente. Dentro das transparentes chamas rubras, os pobres arbustos e as belas árvores aparecem como criaturas humanas em sofrimento; já vão perdendo as folhas, já se vão reduzindo a delgados esqueletos negros. Há pouco eram formas vivas, pousada de pássaros, alegria do vento. E ali estão, sem possível fuga presas à terra, castigadas pelo incêndio que as devora (MEIRELES, 1967, p. 10).

(b) Na crônica “Um cão, apenas”, encontramos novamente o emprego da personificação. Além de conferir um acabamento imagético de alta qualidade, tal recurso também iguala ser humano e natureza, como sendo criaturas vivas que dependem de uma relação recíproca:

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – , eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal do pórtico, um cãozinho triste interrompe o seu sono, levanta a cabeça e fita-me. É um triste cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas, as mechas brancas do pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrima que há nos olhos das pessoas muito idosas (MEIRELES, 1967, p. 19).

Nosso raciocínio é corroborado por Leodegário Amarante de Azevedo Filho, para quem a personificação de elementos naturais, em Cecília, “[...] é um traço estilístico de seus poemas que leva à própria integração do ser humano na natureza” (1970, p. 42).

(c) A *metáfora* é utilizada diversas vezes pela escritora a fim de nos auxiliar a compreender melhor a atmosfera desconsolada que se nos apresenta em decorrência do esvaziamento efetuado pelo projeto iluminista, enlouquecido pelo progresso a qualquer custo. No poema “Pomba em Broadway”, por exemplo, devemos nos atentar tanto para a metáfora da pomba, que nos sugere a paz, quanto para o próprio título do texto, que nos remete à estética, haja vista a relação da palavra “Broadway” com a espetacularização da sociedade:

Naquele reino cinzento
veio a pomba bater asas
contra muros de cimento.

Veio a pomba bater asas
naquele reino severo
com pontas negras nas casas.
[...] (MEIRELES, 1985, p. 338-339).

Uma vez exposta a leitura do *corpus* que tínhamos em mente, passemos às considerações finais desta pesquisa.

3. Considerações finais: crônicas, poemas e a interpretação literária de uma realidade em apuros

Por fim, encontramos-nos à seção final desta pesquisa — embora o adjetivo *final* empregado não seja sinônimo de “tópico esgotado” ou “interpretação inflexível”. O leitor esteve conosco ao longo deste estudo, que se deteve em uma parcela das crônicas e poemas da escritora brasileira Cecília Meireles.

Prioritariamente, quisemos privilegiar e enfocar a produção cronista da referida escritora, uma vez que os estudos que dirigem atenção à essa vertente cecilianiana rareiam em meio acadêmico. Todavia, julgamos possível – e oportuno – relacionarmos as

temáticas abordadas nas crônicas com os textos efetivamente líricos, de forma a estabelecermos uma harmonia dialógica entre ambas as faces da cronista-poetisa.

É momento, pois, de finalizarmos a presente dissertação, retomando alguns pontos essenciais observados ao longo da pesquisa e agrupando justamente as características literárias da escritora que se mostraram mais visíveis em seus textos. Ademais, é imperioso ressaltarmos que a tese por ora defendida mostrou-se *válida*, já que pudemos perceber a *antecipação da ambiência pós-moderna* nos escritos de Cecília Meireles. Se não, vejamos.

A escritora, por meio de suas crônicas e poemas, apreende o que se considera banal, melhor dizendo, dirige seu olhar atento e sensível a aspectos do cotidiano que, à outra pessoa, ou passariam sem serem notados, ou seriam objetos de deliberado desprezo. Isso nos dá a prova da supremacia da criação ceciliana, pois também para Nelly Novaes Coelho (apud CARDOSO, 2007, p. 92): “[...] Só os grandes poetas conseguem, como Cecília Meireles, partir da circunstância e alçar voo para as eternas regiões do transcendente, sem perder o contato com as realidades simples da vida”.

Em contato com uma realidade alterada pela crescente industrialização – avanço este responsável pela destruição de casas antigas, de ambientes aconchegantes –, o olhar ceciliano converte todas as impressões em imagens poéticas, que são passadas para os textos.

Daí conseguirmos delimitar o primeiro ponto em comum entre as crônicas e a poesia de Cecília: em ambas vertentes literárias subjaz a observação sensível e a criação de imagem poética, que, segundo José Carlos Zambolli, corresponde a “uma fotografia, àquela que se formou na mente do poeta em contato com a realidade física” (2002, p. 46).

É como temos afirmado: o cotidiano se apresenta à escritora como um raio de sol pois, se simples e ordinário em um primeiro instante, pode ser decomposto em múltiplas cores, desde que o leitor também se muna das lentes necessárias para a apreensão de tais sutilezas.

Em segundo lugar, além desse diálogo equilibrado e amistoso entre as crônicas e a poesia cecilianas, pudemos notar que a nossa tese se torna válida a partir do momento em que: (a) considerando a biografia de Cecília exposta no capítulo 3 desta dissertação, tomamos consciência de que a escritora viveu entre 1901 e 1964; (b) a pós-modernidade é uma reação cultural cujas sementes – embora tenham sido plantadas na década de 60 –, apenas se tornaram visíveis, como propõe Leandro Pinheiro Chevitarese (2000), nas décadas posteriores (instante histórico em que a escritora já havia falecido) e; (c) permeiam os textos selecionados a descrença na industrialização e a sutil crítica em referência à perda de identidade do homem, que, em contexto contemporâneo, se deixa guiar por discursos estéticos e desprovidos de senso crítico.

Claro está que o período de ascensão da pós-modernidade é questão controversa entre diversos teóricos do assunto; todavia, ainda assim podemos afirmar que, por mais que a questão houvesse se desenvolvido até 1964 (ano de falecimento da escritora), apenas em tempos mais recentes (anos 80, 90 e século XXI) temos presenciado a proposição de teorias mais bem acabadas e consistentes que tentam explicar a condição em que nos encontramos, melhor dizendo, a pós-modernidade.

Pelos escritos analisados, temos que Cecília, à sua época, não se conformava com a realidade observada que, embasando-se em um falso progresso – bem como em uma ilusória promessa de redenção –, apenas prestou para apontar a crueldade que compunha a matéria-prima do projeto iluminista, sedento de poder, faminto de destruição. Segundo José Carlos Zambolli, “[a] poesia de Cecília Meireles representa uma forma de *resistência* à desumanidade do mundo presente, na medida em que propõe a recuperação do sentido comunitário perdido” (2002, p. 20).

Tal indignação de Cecília Meireles em relação à mesquinhez humana pode ser observada na passagem a seguir, presente em uma epístola encaminhada à Henriqueta Lisboa:

A escassez de gente estimável vai ficando tão grande que só indo pescar os últimos sobreviventes da espécie por essas ilhas e mares ignorados, e cultivando-os depois com carinho para nosso gozo e consolo para que não se leve dessa vida uma impressão tão mofina... (MEIRELES, 1946, apud PAIVA, 2006, p. 146).

Devido à inconformidade com a postura humana, que deixa se guiar pela ambição e pelo obsessivo desejo de controle, não raramente a autora busca consolo e lembranças mais poéticas em épocas antigas, em que ainda havia respeito entre as pessoas e consideração também em relação à natureza:

Minha querida cidade, que te aconteceu, que já não te reconheço? Procuo-te em todas as tuas extensões e não te encontro. Para ver-te, preciso alcançar os espelhos da memória. Da saudade. E então sinto que deixaste de ser, que estás perdida.

Ah! cidade querida, edificada entre água e montanha, com tuas matas ainda repletas de pássaros; com teus bairros cercados de jardins e pianos; com tuas casas sobrevoadas por pombos, eras o exemplo da beleza simples e gentil. De janela a janela, cumprimentavam-se os vizinhos; os vendedores, pelas ruas, passavam a cantar; as crianças eram felizes em seus quintais, entre as grandes árvores; tudo eram cortesias, pelas calçadas, pelos bondes, ao entrar uma porta, ao sentar a uma mesa (MEIRELES, 1980, p. 25).

Esse artifício de que se vale a escritora para acalmar seu espírito, que se encontra face a face com uma realidade abominável, foi reparado também pelo pesquisador José Carlos Zambolli, que nos indica que “o movimento nostálgico [proposto por Cecília Meireles] implica numa vivência emocional do tempo, uma valorização do passado visto como um ponto de segurança no seio de uma cultura profundamente desorientada” (2002, p. 91).

Em síntese, as crônicas e os poemas cecilianos tomados para comporem o *corpus* desta pesquisa, *antecipam*, como tentamos provar, a atmosfera pós-moderna em que nos localizamos, bem como reafirmam a incomparabilidade da escritura ceciliana, que — impecavelmente e afirmando a supremacia da literatura como um discurso também de conhecimento e expansão de horizontes —, leva-nos à compreensão do mundo e da nossa própria existência, já que nos situamos em um mundo conturbado, no qual “[...] os homens vacilam até nas noções a seu próprio respeito” (MEIRELES, 1951, apud ZAGURY, 1973, p. 148).

Referências

ALCÁZAR, Migdalia Pineda de. El pensamiento teórico y crítico en tiempos de complejidad e incertidumbre en las ciencias de la comunicación. *Utopía y Praxis*

Latinoamericana. Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social, Maracaibo, año 12, n. 39, p. 133-142, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.org>>. Acesso em: mar. 2010.

BASTAZIN, Vera Lúcia. José Saramago: hibridismo e transformação dos gêneros literários. *Nau Literária*, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/4881>>. Acesso em: 20 abr. 2009.

CARDOSO, Adaidides Pereira. *Metapoesia, música e outros motivos em Viagem, de Cecília Meireles*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2007.

CHEVITARESE, Leandro Pinheiro. *As “razões” da pós-modernidade*. 2000. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

FARRA, Maria Lúcia Dal. Cecília Meireles: imagens femininas. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 27, p. 333-371, 2006.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *Poesia e estilo de Cecília Meireles*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. Prefácio. In: MEIRELES, Cecília. *Melhores crônicas*. São Paulo: Global, 2003.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

HASSAN, Ihab. Beyond Postmodernism: Toward an Aesthetic of Trust. *Angelaki. Journal of the Theoretical Humanities*, London, v. 8, n. 1, p. 3-11, 2003.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. Conceito de Iluminismo. In: _____. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 89-116.

LIPOVETSKY, Gilles. *A sociedade da decepção*. Barueri: Manole, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

MEIRELES, Cecília. *Inéditos*. Rio de Janeiro: Bloch, 1967.

MEIRELES, Cecília. *Escolha o seu sonho*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1968.

MEIRELES, Cecília. *O que se diz e o que se entende: crônicas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O anticristo*. 12. ed. São Paulo: Centauro, 2005.

PAIVA, Kelen Benfenatti. *Histórias de vida e amizade: as cartas de Mário, Drummond e Cecília para Henriqueta Lisboa*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

PEREZ, Renard. *Escritores brasileiros contemporâneos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

REZENDE, Jussara Neves. *A simbolização nas imagens poéticas de Cecília Meireles e Sophia de Mello Breyner Andresen: tempo e espaço*. 2006. Tese (Doutorado em Estudos Comparados) – Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ROUANET, Sergio Paulo. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ZAGURY, Eliane. *Cecília Meireles: notícia biográfica, estudo crítico, antologia, discografia, partituras*. Petrópolis: Vozes, 1973.

ZAMBOLLI, José Carlos. *A poeta ao espelho: Cecília Meireles e o Mito de Narciso*. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

Recebido em 31/03/2011
Aprovado em 15/05/2011

¹ **Crônica:** “Escola de bem-te-vis”.

² **Crônica:** “Passeio na floresta”.

³ **Crônica:** “Passeio na floresta”.

⁴ **Crônica:** “Escola de bem-te-vis”.

-
- ⁵ **Poema:** “36”.
- ⁶ **Crônica:** “Passeio na floresta”.
- ⁷ **Crônica:** “Passeio na floresta”.
- ⁸ **Crônica:** “Meu bairro”.
- ⁹ **Crônica:** “Sabiás românticos”.
- ¹⁰ **Crônica:** “Lamento pela cidade perdida”.
- ¹¹ **Poema:** “Desenho”.
- ¹² **Crônica:** “Lamento pela cidade perdida”.
- ¹³ **Crônica:** “Tempo incerto”.
- ¹⁴ **Crônica:** “Floresta incendiada”.
- ¹⁵ **Crônica:** “Meu bairro”.
- ¹⁶ **Crônica:** “Mundo engraçado”.
- ¹⁷ **Crônica:** “Lamento pela cidade perdida”.
- ¹⁸ **Crônica:** “Imagens de pássaros”.
- ¹⁹ **Crônica:** “Tempo incerto”.
- ²⁰ **Poema:** “36”.
- ²¹ **Crônica:** “Descobrimento do anjo da guarda”.
- ²² **Crônica:** “Mundo engraçado”.
- ²³ **Poema:** “Canção excêntrica”.